

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

**AS PRESENÇAS E AUSÊNCIAS DA LITERATURA DE AUTORIA FEMININA
NAS PROVAS DA COVEST - PE (1995-2005)**

Pâmela Maria de Carvalho Camelo

Recife - PE

2019

PÂMELA MARIA DE CARVALHO CAMELO

**AS PRESENCAS E AUSÊNCIAS DA LITERATURA DE AUTORIA FEMININA
NAS PROVAS DA COVEST - PE (1995-2005)**

**Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Departamento de História, Universidade Federal Rural de
Pernambuco, pré-requisito para finalizar disciplina de TCC
II e grau no curso de Licenciatura em História.**

Orientadora: Prof.^a Doutora Rozélia Bezerra

Recife-PE

2019

TERMO DE APROVAÇÃO

PÂMELA MARIA DE CARVALHO CAMELO

AS PRESENCAS E AUSÊNCIAS DA LITERATURA DE AUTORIA FEMININA NAS PROVAS DA COVEST - PE (1995-2005)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Licenciatura em História pela Universidade Federal Rural de Pernambuco, pré-requisito para finalizar disciplina de TCC II e grau no curso de Licenciatura em História.

Profª. Drª Rozélia Bezerra
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Departamento de História

Profª. Drª Lúcia Falcão Barbosa
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Departamento de História

Prof. Ms. Sílvio Ricardo Gouveia Cadena
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Departamento de Pós-graduação em História

Recife, Janeiro de 2019

AGRADECIMENTOS

Inicialmente pensava que não saberia bem o que dizer nos agradecimentos, a verdade é que sentimentos são difíceis de serem transcritos, e gratidão é uma dessas palavras que existem no nosso vocabulário, mas que a definição não cabe na palavra. O sentimento é ilimitado. Mas espero conseguir através das minhas palavras descrever um pouco sobre o quanto sou grata.

Tudo começou no ano de 2013, quando comecei um trabalho voluntário na escola do Instituto Nossa Senhora de Fátima. Minhas atividades eram com turmas de crianças entre 4 e 5 anos de idade, e foi nesse lugar com esses seres lindos e cheios de energia que pude descobrir que queria ser professora, surgiu uma vontade de contribuir de algum modo para a vida de cada um daqueles “humaninhos” cheios de criatividade e vontade de aprender. E aqui eu faço meus agradecimentos a eles, Laura, Alisson, Ruan, Letícia. Seus rostinhos vão ficar guardados na minha memória, pra sempre. Obrigada.

Nessa história meu caminho se cruzou com o da Universidade Federal Rural de Pernambuco, no ano de 2014 comecei a Licenciatura em História. E foi lá nessa universidade que minha vida mudou completamente, paradigmas se quebraram e isso foi devido a todo o processo de aprendizagem que durou quase cinco anos. Hoje sou outra pessoa, muito mais tolerante e preocupada com o mundo ao meu redor e isso eu devo não apenas a Universidade Federal Rural de Pernambuco, como a também ao Departamento de Licenciatura em História, Joice que é um anjo na vida de cada estudante do curso de História. E a todo o corpo docente e discente.

Agradeço, a professores que marcaram minha história na licenciatura como o professor Humberto Miranda ao falar em suas aulas sobre educação, infância, direitos humanos e nos encher de esperança a respeito da nossa profissão; a professora Alcileide Cabral que na sua disciplina de Feminismo que ajudou a descobrir a feminista que existia dentro de mim mas que se moldava e infelizmente ainda se molda a sociedade, mas, que hoje tem muito mais vontade de se desconstruir; a professora Lúcia Falcão que ao trabalhar a disciplina de Linguagens Alternativas me fez confirmar que a literatura seria um caminho na minha trajetória acadêmica; gostaria também de agradecer ao professor Iêdo Paes que ao ministrar a sua disciplina Literatura de Autoria Feminina, me mostrou autoras que me marcaram e só pude amar ainda mais a literatura

pelo seu poder de desenvolver os mais diversos sentimentos, e agradeço também ao professor Iêdo por suas leituras e por me apresentar o texto de Conceição Evaristo, Maria, nunca esquecerei do dia que o escutei declamar pela primeira vez esse texto em sua aula. Gostaria também de deixar meus agradecimentos as turmas de história de 2014.1, turma que encontrou comigo e a turma de 2014.2 turma essa que me acolheu nessa jornada que é o final de um curso, e nelas posso citar nomes de pessoas que foram muito importantes para mim nessa caminhada: Heliwelton meu melhor amigo e carinhosamente chamado de “queridão”, Izabel um ser que amo mas tenho pouco contato, Matheus Henrique uma pessoa que admiro muito e Driele que me mostrou o quanto uma mulher tem que ser forte pra conseguir vencer os obstáculos.

Deixo aqui também meus agradecimentos ao Diretório Manuel Correia de Andrade. Graças a pessoas como Diogo Xavier, Rafael Ouriques e Silvio Cadena, tive a oportunidade ser membro do Diretório e conhecer sobre política, movimento estudantil e encontrar pessoas que mudaram minha vida. Gostaria de fazer um novo agradecimento a Silvio Cadena, por ser a pessoa que me apresentou a a minha orientadora a Professora Dr^a Rozélia Bezerra.

Foi graças primeiramente ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência e depois a Silvio, que pude conhecer uma das pessoas mais importantes pra mim, que é minha orientadora. Rozélia é um ser de uma grandeza sem tamanho apesar sua estatura ser pequena, mas ela é grande, em todos os sentidos. E sou eternamente grata pela oportunidade de conhece-la, Roze é daquelas pessoas cujo a minha gratidão não cabe na palavra. Não poderia assim deixar faltar o agradecimento ao grupo mais lindo da UFRPE, o LEHAL, esse grupo que é formado pelos orientandos da professora Rozélia: Felipe Cruz, Débora Santos, Luana, essas pessoas são diferentes entre si, mas de alguma forma se combinam, existe algo que une esse grupo que é a lealdade ao que acreditam, a quem são e isso os torna seres que se conectam. Aqui devo mais uma vez agradecer a minha orientadora por me possibilitar fazer parte desse grupo de sonhadores.

Não poderia deixar de agradecer ao PIBID e a Escola Dom Bosco que me recebeu de braços aberto, aprendi muito ao longo do tempo que estive no Programa de Bolsas de Iniciação a Docência. Agradeço também ao professor Aurino Bezerra e a

professora Ana Dornelas, que me acompanharam nessa caminhada e tiveram um papel muito importante na minha vida.

Gostaria de reservar esse espaço para agradecer a minha família, meu pai, minha mãe e minhas duas irmãs Paula e Priscila. Agradeço ao meu pai, Paulo Camelo, por me mostrar o quanto é importante sermos seres políticos e pensar na sociedade. Quando eu era pequena eu não entendia a luta dele, me chateava quando nas eleições ele se candidatava e me botava pra acompanhá-lo, mas hoje eu entendo e tenho o maior orgulho de ter um pai que se diz claramente comunista e não tem medo das críticas, ele é uma pessoa que acredita e mantém suas ideias mesmo em uma cidade de interior como Garanhuns, extremamente conservadora e preconceituosa. Obrigada meu pai por toda a sua história, e por sempre estar do meu lado. Agradeço a minha mãe, Maria do Carmo, que com seu jeito doce criou as três filhas da melhor forma possível, acho que foi dela que herdei a sensibilidade, mas mesmo sendo uma mulher sensível facilmente é perceptível a sua força, criada no sertão, filha de pais analfabetos, se formou em Letras/Português, professora, me levava na barriga ainda enquanto fazia pós-graduação, talvez a vontade de ser professora tenha vindo desde a barriga de “mainha”, muito obrigada mãe por tudo que fez para que eu me tornasse a pessoa que eu sou hoje.

Deixo um agradecimento especial ao meu namorado, Lucas Silva, que está sempre me apoiando e aguentando todos os meus apanhos. Agradeço por me aconselhar e me ajudar a ser uma pessoa melhor a cada dia.

Por fim, agradeço a minha tia Inês, mais conhecida como tia Nanã. Infelizmente ela não vai poder acompanhar esse momento de conclusão de curso, pois no dia 24 de novembro de 2018 veio a falecer. Mas eu gostaria de agradecer por tudo que fez por mim, por sempre me incentivar a estudar e nunca desacreditar dos meus sonhos, são pessoas como a minha tia Inês que fazem do meu mundo um lugar melhor. Obrigada.

Retrato de Elisa

O tempo parou
Elisa escrevia
Seu momento
Na dinâmica das cores
O preto e o branco bastavam
Aquarela perfeita
Palavras
Palavras ganham forma
Cor
Sabor
Sabor de felicidade
Longe de qualquer vaidade
É liberdade
Elisa, descobria um mundo que era seu
Era melhor que o País das Maravilhas
Pois era dela, de Elisa

Pâmela Camelo

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. ARTIGO: AS PRESENÇAS E AUSÊNCIAS DA LITERATURA DE AUTORIA FEMININA NAS PROVAS DA COVEST - PE (1995-2005).....	12
3. ANEXO - REGRAS DA REVISTA	29

INTRODUÇÃO

Este trabalho refere-se a avaliação para concluir a disciplina de TCC II e pretende fazer uma ligação entre diferentes histórias, aquelas oficiais e não oficiais, as que fazem parte do currículo acadêmico e da experiência de vida. A escolha do tema surgiu a partir de inquietações pessoais a respeito, inicialmente, sobre a história das mulheres e o acesso delas à escrita, e, não por acaso, isso nasceu através de um livro, *Orgulho e Preconceito*, de autoria de Jane Austen. Este livro, de forma sutil, faz o leitor pensar a respeito da situação da mulher na sociedade rural inglesa do século XIX e se percebe que, de alguma maneira a personagem principal do livro, Elisabeth Bennet, tem sua vida relacionada à de Austen. Elisabeth era um jovem que procurava o amor, gostava de ler e, para a época se tratava de uma mulher audaciosa, características essas que lembram Austen: ela era uma mulher que escrevia em uma época onde quase não existiam escritoras. E a própria autora enfatiza na sua obra que esses aspectos de Elisabeth eram diferenciados para a época. Ler e escrever para uma mulher no século XIX, era algo difícil e até mesmo considerado destemido, por não haver incentivos para ser escritora e ocupar o espaço do letramento que era até então considerado do homem.

E foi assim a partir de inquietações que surgiu esse trabalho, procurar saber quais as autoras dentro de uma prova como a da COVEST (Comissão de Processos Seletivos e Treinamentos responsável por concursos e vestibulares da UFPE) se tratava de algo que levaria a descobrir como se encontrava a mulher e a mulher escritora na sociedade no período de 1995 a 2005. O projeto possibilita a compreensão da temática e o caminho entre o currículo não oficial e o oficial proporcionou seleção das provas do vestibular como uma maneira de investigar qual era esse currículo e se a mulher se encontraria nele e em quais condições estaria presente, ou não.

Dessa forma comecei a me importar mais sobre essa história das mulheres e também sobre como a literatura é capaz de representar aspectos da vida. Por isso, a literatura servirá como ponte para o estudo, mas na verdade o trabalho se utilizará das provas do vestibular¹ oficial da Universidade Federal de Pernambuco e Universidade

¹Provas que servem para avaliar os estudantes que terminaram o ensino básico e a partir do desempenho nelas poder ingressar ou não nas universidades citadas. Contudo, não existe mais esse modelo de prova que foi substituído aos poucos pela prova do ENEM a partir do ano de 2009.

Federal Rural de Pernambuco, elaboradas pela comissão do vestibular COVEST. As provas selecionadas como fonte para o estudo foram as de Literatura da segunda fase da COVEST, e a partir dessas será feito o levantamento das escritoras mencionadas durante nos anos de 1995 a 2005.

A escolha dos anos de estudo se deu em virtude de se tratar de um período de possíveis mudanças, uma vez que foi avaliado os últimos cinco anos do século XX e os primeiros cinco anos do século XXI. Esse recorte temporal se trata de uma mudança de século e por isso espera-se que ocorra uma euforia e uma ideia de “progresso” que possam de algum modo influenciar nas escolhas das autoras que compõem as provas da COVEST. Porém, há uma possibilidade de não ocorrer essas mudanças esperadas, e esses fatores devem ser observados ao longo da pesquisa.

Para compreender os resultados foi necessário fazer um breve levantamento acerca de como se encontravam as mulheres e escritoras durante o século XX, pois se entende que esse ponto tem grande relevância para o estudo. O estudo a respeito das mulheres e o processo de acesso delas aos mais diversos espaços é crucial ao tentar analisar o encontrado nas provas selecionadas, assim como o acesso delas aos espaços públicos da sociedade.

Situar historicamente a respeito do vestibular foi outro ponto abordado pois essa é a principal fonte do trabalho. O surgimento do vestibular e a escolarização da literatura são aspectos presentes na discussão, que contribuem para interpretação dos dados encontrados nas provas.

O modelo do Trabalho de Conclusão de Curso escolhido foi o do artigo científico, essa escolha ocorreu pela possibilidade de facilitar uma maior circulação do trabalho. A revista escolhida para a submissão foi a Revista de História da UNICAP, e após uma pesquisa essa foi a revista que mais contemplava os interesses da pesquisa, primeiro por se tratar de uma revista local, e segundo por receber trabalhos de estudantes de graduação.

AS PRESENÇAS E AUSÊNCIAS DA LITERATURA DE AUTORIA FEMININA NAS PROVAS DA COVEST - PE (1995-2005)

RESUMO

O trabalho faz um levantamento sobre a presença de escritoras mulheres citadas na prova de Literatura da segunda fase do vestibular COVEST, ao construir esse artigo se faz necessário compreender como se encontrava a mulher e a escritora nessa transição do século XX para o século XXI, e como foi o processo para essa escritora estar presente ou não na prova de vestibular. Através disso se procurou saber como foi o surgimento do vestibular no país, a literatura no vestibular, as presenças das escritoras e o que pode ser considerado como ausência diante dos dados observados.

Palavras-chave: Mulher, Autora, Prova, Literatura

THE PRESENTATIONS AND ABSENCES OF THE FEMALE AUTHORITY LITERATURE IN COVEST – PE (1995-2005)

ABSTRACT

The paper makes a survey about the presence of women writers cited in the Literature test of the second phase of the COVEST vestibular, when constructing this article it is necessary to understand how the woman and the writer were in this transition from the XX century to the XXI century, and as it was the process for this writer to be present or not in the vestibular test. Through this we sought to know how the vestibular emerged in the country, literature in the vestibular, the presence of women writers and what can be considered absence before the observed data.

Keywords: Woman, Author, Proof, Literature

Introdução

O vestibular é um sistema de avaliação para o acesso ao ensino superior. O exame para o ingresso de estudantes nas instituições de ensino, no Brasil surgiu em abril de 1911 com o Decreto Lei, número 8.659, que aprovou a Lei Orgânica do Ensino Superior e Fundamental no Brasil. Nesse momento o sistema de avaliação surgiu pois no Brasil não existiam vagas suficientes nas instituições de ensino superior. Aumentava-se a demanda pelo acesso a educação, mas as vagas não eram suficientes.

A literatura passa a ser oficialmente trabalhada nas provas de vestibular a partir da década de 1980, com a redemocratização do país e revalorização do ensino das ciências humanas, como literatura, história, geografia. Mas, o marco inicial dessa presença é quando a Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) insere a literatura no seu sistema de vestibular (DALVI et al.2015,p.217), e posteriormente é copiada por outras universidades que colocam a literatura também como parte de sua avaliação. A literatura nas provas de vestibular também é um tema abordado ao longo do trabalho, pois, já que o objeto de estudo é a presença de literatura de autoria feminina nas provas da COVEST¹, se torna necessária essa abordagem para situar o leitor.

Neste trabalho busca-se, através da prova de Literatura da Segunda Fase do vestibular COVEST, Pernambuco, encontrar a presença de autoria feminina nas provas selecionadas. Mas, para se compreender os resultados é necessário entender como se desenvolveu o vestibular no país, e o que possibilitou a presença das mulheres nesse vestibular. É a partir desses dois eixos que o artigo se desenvolve.

O artigo, assim, vai além de um estudo de caso a respeito da presença de mulheres autoras na prova da COVEST. Ele engloba toda uma discussão acerca do surgimento do vestibular, da presença da literatura no vestibular, a relação que tem a literatura com o cânone literário e como isso pode intervir na seleção de autores dentro das provas. A presença de autoria feminina nas provas da COVEST se torna, assim, o reflexo de toda uma demanda social que pode ser observada ao longo da construção desse trabalho.

¹ A COVEST-COPSET, atualmente é a Comissão de Processos Seletivos e Treinamentos, é responsável por realizar concursos e vestibulares. Formada por uma equipe de professores da Universidade Federal de Pernambuco. No período selecionado para este trabalho a COVEST também incluía em seu vestibular a Universidade Rural de Pernambuco.

Vestibular no Brasil: um caminho para a COVEST

No Brasil, as primeiras instituições de ensino superior surgiram no período colonial ainda com os jesuítas. Mas, é com a chegada da família real no país que essas instituições de ensino ganham corpo e se expandem, José Geraldo de Souza, inclusive, diz que:

O Ensino Superior no Brasil nasceu com a transferência da sede do poder e da elite portuguesa para o Rio de Janeiro, em 1808. Os cursos de Ensino Superior foram criados para atender, predominantemente, as necessidades do Estado nascente [...]O perfil ideológico do Ensino Superior estruturado durante o Império estava bem definido: qualificação da elite para o exercício do poder, aristocratização do saber, profissionalização técnico-operativa e transplante de modelos europeus. (SOUZA, 1996, p.47-48)

Assim, universidades surgem no país e com elas os exames de admissão ou o que consideramos hoje como vestibular, mas ao se discutir o surgimento do vestibular no Brasil existem duas vertentes: uma seria o sistema de avaliação e a outra o processo de avaliação. O sistema de avaliação teria surgido juntamente com a avaliação no Brasil e a escolaridade obrigatória mas, a falta de vagas para todos levava a se ter uma seleção. Já a visão a respeito do processo de avaliação teria surgido no ano de 1911 com a Reforma Rivadávia Corrêa (MENEZES, 2008a, p.27).

Por sua vez, Adolpho Ribeiro Netto, ex-presidente da Fundação Carlos Chagas, em um trabalho apresentado em 1985, no Seminário “Vestibular Hoje” intitulado de O vestibular ao longo do tempo: implicações e implicâncias, faz uma abordagem a respeito dessa temática e cita o mesmo ano que Menezes, 1911, e o relaciona a promulgação de decretos de lei durante o governo de Hermes da Fonseca. Os primeiros decretos foram os de números 8.661 e 8.662, esses se tratavam da aprovação de regulamentos para as Faculdades de Medicina e de Direito no país. Em um outro decreto do mesmo ano, em Abril de 1911, o Decreto de número 8.659 aprovava a Lei Orgânica do Ensino Superior e Fundamental na República, lei essa que previa que o estudante, para efetuar a matrícula, deveria passar por uma avaliação escrita e uma avaliação oral, e essa é a mesma lei que Menezes chama de Reforma Rivadávia Corrêa.

Pode-se considerar através desse processo, que os decretos que foram promulgados no ano de 1911, de algum modo oficializaram a avaliação feita para as

universidades, ou o que atualmente chama-se, vestibular. Ocorre que além de Netto e Menezes apresentarem o nome vestibular e o associarem a essas leis do início da República, esses também estão relacionados no texto de Geovânia da Silva Toscano, O ACESSO AO ENSINO SUPERIOR NO BRASIL: o movimento “pendular”(maiúsculas no original), onde ela diz: “Como um dos modelos de acesso a este ensino, o vestibular criado em 1911, apresentou diversas mudanças” (TOSCANO, 2015, p.n). Dessa forma considera-se que esse ano possui impotência para o surgimento do vestibular no país, ou ao menos a sua institucionalização.

A partir dessa questão a respeito do vestibular, Netto continua em seu trabalho falando da construção do modelo de vestibular. No ano de 1931, se cria o que na, época, era chamado de Ministério da Educação e da Saúde, e assim se sucedem diversas reformas na educação. Ao mesmo tempo que aconteciam essas modificações feitas por nomes como Francisco Campos e Gustavo Capanema, a sociedade brasileira também estava passando por grandes mudanças, entre elas crescimento demográfico, urbanização, e isso incluía uma maior demanda por educação. Assim, se aumentava a quantidade de pessoas que estavam a busca dessas instituições de ensino superior. Tem-se, dessa forma, um excesso de candidatos que estavam aptos para as vagas nas faculdades, porém com uma quantidade que era insuficiente, e justamente por isso há uma necessidade de se fazer provas cada vez mais difíceis.

Ainda sobre a Reforma Francisco Campos, em 1931, a autora Juliana Menezes, segue na mesma linha de pensamento que Netto e diz que “Pela primeira vez, o país conhece uma reforma educacional abrangendo todos os níveis do ensino.” (MENEZES, 2008a, p.28). E foi com essa reforma que algumas mudanças ocorreram, como por exemplo, a divisão da formação do ensino básico em dois: o ginásial que duraria cinco anos e o complementar que duraria dois anos e isso seria considerado um tipo especialização para o ensino superior, que a autora chama de “pré-universitário”. Continua Menezes, mas agora sobre a Reforma Capanema

Essa reforma altera a estrutura do ensino secundário, dividindo-o em cinco anos de curso fundamental e outro complementar, de dois anos. Em paralelo ao secundário, havia o .Ensino Especializado., que abria um leque com as seguintes opções de estudo: o doméstico, o de serviço social, o de profissional agrícola, o da pesca, o industrial e o comercial. Esse segundo ciclo preparava os alunos para o terceiro

grau, mantendo, no entanto, o carácter de seleção ao seu acesso. (MENEZES, 2008a, p.28)

Na década de 1960, surgem muitas pessoas que buscam a entrada no vestibular, e com isso o excedente cresce. Existe uma demanda maior por vagas nas universidades mas com a falta delas os estudantes que eram aprovados, muitas vezes, não se classificavam. Surgem dessa forma inovações com mais impacto no vestibular no ano de 1964, quando a Fundação Carlos Chagas propôs um aperfeiçoamento do vestibular nas escolas médicas que visava a ampliação do número de disciplinas nas provas, surgimento do carácter classificatório em vez do habilitatório, adoção de questões de múltipla escolha, unificação do vestibular prevendo uma data em comum e isso possibilitava que os candidatos pudessem disputar vagas em todas as unidades associadas a instituição que promovia o vestibular (MENEZES, 2008a, p.29-30). Esse modelo acabou sendo reproduzido para além das instituições que faziam parte da Fundação Carlos Chagas.

Torna-se, assim, o vestibular um reflexo do modelo de ensino, vigente consequentemente também do político e das necessidades da sociedade. No ano de 1968 por exemplo, tem a criação de um Grupo de Trabalho, que visava repensar como estava a universidade e de alguma forma tentar amenizar os problemas que existiam. Isso ocorreu principalmente por conta da mobilização estudantil na época, e Maria Fávero diz a esse respeito:

No início de 1968, a mobilização estudantil, caracterizada por intensos debates dentro das universidades e pelas manifestações de rua, vai exigir do Governo medidas no sentido de buscar ‘soluções para os problemas educacionais mais agudos, principalmente dos excedentes’. A resposta de maior alcance foi a criação, pelo Decreto nº 62.937, de 02.07.1968, do Grupo de Trabalho (GT) encarregado de estudar, em carácter de urgência, as medidas que deveriam ser tomadas para resolver a ‘crise da Universidade’. (FÁVERO, 2006, p.32)

Surge o que se chama de Reforma Universitária de 1968. A partir de então algumas medidas foram tomadas como “a) a unificação do vestibular por região; b) o ingresso por classificação; c) o estabelecimento de limite no número de vagas por curso[.]” (MENEZES, 2008a, p.30). Na década de 1980 existem propostas de reformulação dessa reforma e Fávero menciona:

Após essa breve análise sobre a implantação da Reforma Universitária de 1968, constata-se que, a partir dos anos 80, surgem várias propostas para a reformulação das instituições universitárias. Será oportuno

lembrar que tanto a reorganização do movimento estudantil, como a de outros grupos da sociedade civil, só irá se efetivar no final dos anos 70, com a abertura política e a promulgação da Lei da Anistia. Nas universidades públicas, após esta Lei se processa o retorno de vários professores afastados, compulsoriamente, após o AI-5. (FÁVERO, 2006, p.34)

Após o período entre as décadas de 1960 e 1980, com todas essas intervenções que movimentaram as questões educacionais no país, se tem um momento de redemocratização e com ele surge uma crise na educação. Nasce, assim, um debate a respeito do “ensino tradicional”. O Brasil estava passando por um ciclo político de controle da sociedade que se finalizava, seria importante que ao seu término a educação fosse repensada. Diz Mortatti:

Com o fim da ditadura política que sucedeu o golpe militar de 1964, a partir da década de 1980 se intensificaram a denúncia da ‘crise da educação’ e os debates sistemáticos sobre a persistência do ‘ensino tradicional’. No contexto de reorganização política e social do Brasil, esse debate envolveu diferentes sujeitos e segmentos representativos da sociedade civil brasileira, especialmente professores do ensino de 1º e 2º Graus e do ensino superior e entidades que os representavam. (MORTATTI, 2014, p.24)

Há possibilidade de se repensar a educação, e se visa a construção de uma educação democrática. E todo esse processo ao se repensar o vestibular no sistema seletivo da Comissão de Vestibular (COVEST) para a Universidade Federal de Pernambuco e Federal Rural de Pernambuco. As provas passaram por algumas mudanças que foram influenciadas pelas reformas que ocorreram ao longo do século XX. Um reflexo disso é que a avaliação da COVEST, nos anos de 1995 a 2005, já se encontrava unificada entre as duas universidades federais do estado de Pernambuco e com provas de múltipla escolha, e a redação. A primeira fase era formada por Biologia, Química, Matemática, Física, História, Geografia, Português e Língua Estrangeira. “Na segunda etapa, o candidato precisa fazer apenas as provas de disciplinas que representam peso na sua opção.” (SILVA, 2005, p.122). Assim as provas do vestibular COVEST analisadas para esse artigo são um reflexo de todo esse processo de institucionalização do vestibular, das reformas do sistema educacional, e também das mudanças políticas no país que interferiram, diretamente, na conjuntura e consequentemente na educação. E como a literatura teria sido inserida no vestibular?

A literatura no vestibular

Com o processo de redemocratização no país, no final da década de 1980 aumenta-se o interesse pela pesquisa na área da educação e nessas pesquisas existem discussões a respeito da importância da literatura e do seu ensino para a formação dos estudantes, Mortatti em seu artigo *Na história do ensino da literatura no Brasil: problemas e possibilidades para o século XXI*, cita que “foram configurando novos modos de pensar, sentir, querer e agir, derivados de questionamentos contundentes, por exemplo, dos antigos modelos escolares: de ensino de história literária” (MORTATTI, 2014, p.25).

Os modelos antigos de ensino que enquadravam a disciplina de Literatura se voltavam a estudar, através dos livros didáticos excertos de autores que eram considerados consagrados pela literatura, aspectos literários. Quando se estudava algum livro havia uma ficha de leitura que o acompanhava, e isso se repetia nas séries do 1º e 2º grau. É contra essa estética do ensino de Literatura que se enfatizava a necessidade de se ter uma literatura infantil e juvenil que superasse esses aspectos que podavam o ensino.

Outro fato que possibilitou o sucateamento do ensino de Literatura no país fora justamente questões relativas ao período entre 1964-1985. Ocorre que foi nesse momento da história do Brasil que professores foram vistos como adversários do governo, e esse fato influenciou um processo de maior controle da educação. Marilena Chauí em um capítulo de seu livro *Escritos sobre a universidade*, confirma e menciona que os professores das humanidades foram considerados desnecessários ao modelo do período ditatorial no país e houve um desmantelamento da educação, principalmente na área das ciências humanas. Chauí explana como ocorreu esse desmonte da educação:

[...] a reformulação curricular (surgimento de licenciatura curta em ciências sociais e em letras), para atender à unificação das disciplinas de história, geografia e ciências sociais na de ‘estudos sociais’ e das disciplinas de língua e literatura na de ‘comunicação de expressão’.
(CHAUÍ, 2001, p.161)

Percebe-se que o processo para se reestabelecer essas disciplinas não seria fácil. Mas, nas últimas décadas do século XX se atribuiu uma nova roupagem ao ensino de literatura, “fundou-se, assim, uma nova tradição até hoje atuante, incorporada

principalmente no discurso acadêmico, na produção editorial e, na medida da conveniência e das possibilidades de sínteses ecléticas, no discurso pedagógico oficial.” (MORTATTI, 2014, p. 28). Nota-se o quanto o ensino de literatura pode ser importante para a sociedade, e compreender que é necessário não apenas aprender português, mas as letras em todas as suas formas contribuindo para a formação humana.

[...]conflito entre a idéia convencional de uma literatura que eleva e edifica (segundo os padrões oficiais) e a sua poderosa força indiscriminada de iniciação na vida, com uma variada complexidade nem sempre desejada pelos educadores. Ela não corrompe nem edifica, portanto; mas trazendo livremente em si o que chamamos o bem e o que chamamos o mal, humaniza em sentido profundo, porque faz viver. [...] A função da literatura está ligada à complexidade da sua natureza, que explica inclusive o papel contraditório, mas humanizador (talvez humanizador porque contraditório). (CANDIDO, in MORTATTI, 2014, p.20-30).

Ao se compreender a importância do ensino de literatura, ela se torna presente nas provas de vestibulares, como se pode notar inclusive nas provas da COVEST selecionadas para esse estudo. Esse foi um reflexo das mudanças ocorridas do longo do tempo no ensino brasileiro e seu sistema de avaliação.

A proposta, na maioria das universidades brasileiras, modificada no passar das décadas, preocupou-se em conjugar, nas avaliações, os conteúdos aprendidos e (supostamente) ensinados, principalmente no âmbito das disciplinas escolares que constituem o ensino médio[...] (DALVI et al. 2015, p.216)

Supondo-se que na avaliação do vestibular se encontrava o que era ensinado no ensino básico, se tem assim possibilidade de influenciar e contribuir para a formação do estudante. No caso da literatura no vestibular se pode ter como contribuição o incentivo a o surgimento de um público leitor, disseminação de um modelo de leituras que seria realizado a partir de indicações prévias e consolidação de uma abordagem didática que, no período escolar, cumpre um programa de leituras considerado indispensável (DALVI et al.2015, p.216-217).

Sobre a inserção da literatura no vestibular, as primeiras universidades que adotara foram a Universidade de São Paulo (USP) e a Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Foi na década de 1980 que a literatura foi inserida no sistema de avaliação da Unicamp (DALVI et al.2015,p.217). A *posteriori* copiada por outras

universidades. Dessa forma o vestibular inseriu indiretamente na escola um sistema de leitura. Isso também pode ser um reflexo do processo de redemocratização do país e retorno do incentivo ao estudo das humanidades. Assim um grupo de autores formados por Maria Amélia Dalvi, Cleronara Maria Schwartz e Arnon Tragino, dizem em seu artigo *A literatura no vestibular: traços de seu histórico e olhares recentes*:

Nesse contexto, o vestibular, indiretamente, apontou uma operação habitual de leitura literária na escola: numa lista com 10 títulos, por exemplo, seria lido um livro por mês durante todo o último ano letivo do ensino médio até o dia do exame vestibular, e as questões desse exame (e de outros, aplicados previamente pela própria escola, nos moldes das provas do vestibular, como preparatórios a este) atestariam ou não a “eficiência” da leitura realizada. Esse circuito pouco mudou dos anos 1980 até o presente, o que poderia indicar, por um lado, que as escolas e os professores, nesse modelo, têm visto uma possível elevação dos índices de leitura e dos componentes benéficos e próprios dela [...] (DALVI et al.2015, p.217).

A respeito das influências do vestibular e da literatura nesse tipo de avaliação, percebe-se que o modelo atende ao que é feito no ensino básico. Mas, Menezes diz que “Isso ocorre em virtude de um ensino transmissivo de literatura, no qual o docente informa sobre o texto e não faz o aluno trabalhar na construção dos sentidos.” (MENEZES, 2008b, p.n).

Conclui-se, a esse respeito, que a literatura volta a ser valorizada e se encontra presente nos vestibulares a partir da década de 1980. Isso incentiva o seu estudo nas escolas, mas, quando Juliana Menezes fez sua pesquisa concluiu em seu artigo *Avaliação da Literatura no Vestibular*, que ainda falta se trabalhar a reflexão e construir os sentidos da leitura e isso é possível através da literatura, mas não se investe de fato na formação do leitor e esse ainda é um caminho que se deve ser mais trabalhado pelo sistema de avaliação do vestibular e pelas escolas.

Literatura e o cânone: um espaço de poder

A citação abaixo apesar de longa, é necessária para que haja a compreensão do surgimento do cânone

O apagamento de um passado, marcado pela eliminação de diferenças e imposição de padrões alheios à afirmação das várias culturas de que se constitui a nação, pode ter contribuído para que a memória nacional pareça falha e, ao invés do ajuste de contas que deveria ocorrer com

relação aos vários momentos de repressão por que passamos, a começar pelo processo de colonização portuguesa, passando pela ditadura militar, tenhamos engolido os muitos engodos com que nos fantasiaram as várias promessas de igualdade, através da democratização. No entanto, é preciso repensar a constituição do panorama de nossa formação enquanto nação cuja memória não é uníssona, mas agonística, feita de ressignificações do passado, as quais são elaboradas por classes sociais, segmentos da nação, setores culturalmente minoritários ou hegemônicos, todos eles na maioria das vezes divergentes entre si. (OLIVEIRA, 2003, p.111)

A identidade brasileira é formada no que é diferente, na polifonia, e como Oliveira diz, a cultura é divergente entre si, temos muitos lugares sociais, a diversidade é o caminho que fala sobre o Brasil, “nesse sentido da identidade não é o espaço do aleatório, mas parte de um universo cultural reconhecível e compartilhado [...] seu ‘sucesso’ está ligado a uma comunidade de sentidos” (SCHWARCZ in MORENO, 2014, p.8-9) e a respeito do cânone literário isso não poderia ser diferente. “No entanto, o conceito de obra canônica tem sido formado pelo setor letrado dessa sociedade que tem acesso ao cânone e luta por sua preservação.”(OLIVEIRA, 2003, p.112) Esse setor seria o que se entende como elite cultural, que obtém uma cultura hegemônica e não representativa e coloca a cultura ocidental e europeia acima de todos os outros lugares da sociedade. A questão é que essa fórmula de cânone literário possivelmente não cabe na estrutura brasileira que foi construída com base na diversidade.

Um espaço que se torna mantenedor dessa canonização da literatura é o próprio vestibular. Pois ele, “funciona como um instrumento da universidade na sociedade para perpetuar certa tradição cultural, inclusive uma determinada tradição literária” (OLIVEIRA, 2003, p 113). Ocorre, nesse caso, que a literatura feminina, as lendas indígenas, mitos africanos, por não estarem inseridos em um “modelo de civilização” não são consideradas possíveis de se tornarem canônicas, ficando à margem desse processo.

Ainda sobre o processo de canonização, Fidelis diz que esse “refere-se a normas (leis) e obras literárias aceitas como legítimas pelos círculos dominantes e dignas de serem perpetuadas.”(FIDELIS, 2008, p.10). Uma literatura canônica a partir do que diz Oliveira e Fidelis seria o que se tem o maior prestígio, dentro de um conjunto de normas que ditam o que deve ser ou não importante para a literatura. Contudo é relevante levantar uma questão a respeito, o cânone não é imutável, a própria Fidelis diz que:

[...]a formação de um cânone literário está pautada por critérios de legitimação que podem ser redefinidos a depender das injunções estéticas e históricas e, principalmente, das lutas de poder, das medições de força entre os grupos formadores de opinião, ou seja, a crítica especializada. Dessa maneira, o que é canônico em uma determinada época pode não sê-lo em outra [...] (FIDELIS, 2008 p.13)

Pode-se notar que todo esse questionamento a respeito do que é o cânone, e como ele se forma, se trata também de algo político. Como uma relação de poder, onde o mais poderoso e mais influente é capaz de se sobressair. Mas, se tratando de obras literárias essa divisão entre o que é cânone e o que não é, se torna uma disputa entre o centro e a periferia. Martini (2016) ao trabalhar alguns desses aspectos em seu artigo *AINDA HÁ LUGAR PARA OS CLÁSSICOS NA ESCOLA? – O CÂNONE E OS DOCUMENTOS OFICIAIS SOBRE O ENSINO DE LITERATURA* (maiúsculo no original), apresenta uma citação de Harold Bloom que menciona a escolha do cânone como uma escolha de livros para as instituições de ensino. Seria essa uma prova de que existe, mesmo no cânone, uma relação de poder? E poderia ser o vestibular uma representação desse cânone? Uma possível representação pode ser visto no texto a seguir

É o Exame de seleção para ingresso em instituições de ensino superior – Vestibular – que, de fora deste ambiente escolar, diz o que se deve ler e constitui o seu cânone, legitimando-o pelo próprio processo de escolha que, por si, põe em operação um processo de canonização, por meio do poder institucional (a força de quem diz) e de sua crítica especializada (o conjunto de acadêmicos que passa a referir-se a essas obras). (FIDELIS, 2008, p.96)

Com a confirmação de Fidelis, em sua *tese DO CÂNONE LITERÁRIO ÀS PROVAS DE VESTIBULAR: CANONIZAÇÃO E ESCOLARIZAÇÃO DA LITERATURA* (maiúsculo no original), o vestibular se torna uma maneira de confirmação desse cânone e o perpétua. Entende-se assim, que esse exame seria um reflexo do que é considerado o alto nível da literatura brasileira. Sendo um cânone, qual seria o lugar ocupado pelas mulheres autoras? Será que foram indicadas no vestibular da COVEST no período de 1995 a 2005?

A mulher e a mulher no caminho da escrita literária

Pode-se se notar que a partir da República no Brasil, muitas mudanças foram acontecendo, no sistema educacional e político. No século XX “A vida urbana ganha intensidade, luz, fluidez e velocidade. As novidades se espriam pelas avenidas e pelos

becos das grandes cidades. A eletricidade, o cinema, o automóvel, a locomotiva, o bonde [...]” (NASCIMENTO, 2013, p.41) , e as mulheres não diferente disso embarcam nessas novidades que surgem nos primeiros anos da República no Brasil. “A mulher passa a trabalhar sua identidade, desenvolvendo novos signos de seu ser” (MELO, 2012, p.3). Elas cortam os cabelos, diminuem o tamanho dos seus vestidos, fumam² e saem a rua em busca do seu espaço na sociedade. Segundo Michelle Perrot em seu livro *Mulheres ou os silêncios da História*

É o olhar que faz a história. No coração de qualquer relato histórico há a vontade de saber. No que se refere às mulheres, essa vontade foi por muito tempo inexistente. Escrever a história das mulheres supõe que elas sejam levadas a sério, que se dê a relação entre os sexos seu peso, ainda que relativo, nos acontecimentos ou na evolução da sociedade. (PERROT, 2005, p.15)

Pode-se perceber que, a partir do que diz Perrot, à mulher foi, por muito tempo negada ao que se refere à sua história, mas a própria historiografia possibilita uma mudança de perspectiva em relação às mulheres, e é no século XX que a ciência histórica acaba abarcando o que sem tem hoje como a História das Mulheres. Existe aqui um embate onde a mulher procura sair de um espaço de reclusão e se nega ao que “convém à sua postura secundária e subordinada” (PERROT, 2005, p.9). E ao se negar a posição de subjugada elas começam a ganhar mais espaços e reconhecimento da sociedade. Mas, qual seria o espaço para a mulher dar voz aos seus pensamentos? Lembrando que por muito tempo quem falava sobre mulheres eram os homens. Até na própria literatura, homens ditavam o que as personagens femininas pensavam. Assim, mais do que inevitável seria a mulher tomar seu lugar na escrita literária. Nesse processo de se tornar autora da própria vida a mulher passou a escrever sobre si e a sua forma de ver o mundo. Surgiram ao longo dos séculos escritoras, mesmo que fossem escondidas em seus diários. As mulheres sentiram a necessidade de sair do lugar privado e expressar o mais simples dos sentimentos. Porém, esse processo do escrever nem sempre foi fácil para elas. Mas como sair do caminho da oralidade, para a escrita aonde os dizeres já deixam de ser de “si” para ser do outro, no caso do mundo, do público? Perrot diz de forma singela “o que é recusado às mulheres é a palavra pública” (PERROT,2005, p.318).

² Referência as melindrosas: mulheres que na década de 1920 chamam atenção por ter um estilo diferente de agir e vestir.

Por sua vez Marisa Lajolo em seu livro *Por que ler o Romance Brasileiro* explica o fato anteriormente citado: “Submetidas primeiro ao pai, em falta destes ao irmão mais velho e, depois para o resto da vida, ao marido, as mulheres liam pouco. [...] mas liam.” (LAJOLO, 2004, p.47).

Para poder galgar outros ambientes, era necessário a mulher sair do controle masculino sobre a sua vida. Seria a educação um caminho para esse processo de libertação das mulheres? A respeito disso as autoras Duarte e Paiva apresentam uma possibilidade

A defesa da educação feminina presente no discurso de tantas escritoras se justifica, pois o acesso à educação de certa forma facilitaria a emergência da mulher no espaço público, bem como garantiria seu convívio social [...] (DUARTE; PAIVA, 2009.p. 13).

Ao procurar sair de um lugar de tutela, a mulher busca outros espaços para se fazer presente e a literatura foi um deles. Mas, a construção de uma carreira no mundo das letras assim como a conquista da mulher por mais acesso aos ambientes públicos da sociedade como imprensa por exemplo, não foi algo simples e passou por um longo processo. Como disse Lajolo (2004) a mulher que optasse por isso não haveria de ter uma vida fácil.

Alguns dos lugares que as mulheres que buscavam para entrar no mundo dos literatos foram os salões, e esses tiveram grande importância para a construção da literatura brasileira. Os salões eram espaços de encontro entre artistas e intelectuais durante o século XX. Foi herança do Brasil Império e também auxiliaram no processo de aceitação da mulher em espaços fora do privado, como a casa e o cuidado apenas com os filhos. Esses lugares ainda não poderiam ser considerados espaços de fato públicos, por ser muito restrito e se encontrarem, nesses ambientes, apenas a elite literária. O predomínio era principalmente de homens, mas também existiram casos desses espaços serem comandados por mulheres, confirma assim as autoras Constância Duarte e Kelen Paiva, em seu artigo *A mulher de letras: nos rastros de uma história*:

Há ainda outros bastante frequentados e dirigidos por mulheres, entre os quais estão o de Veridiana Prado, o de Olívia Guedes Penteadado, e o salão da pintora Tarsila do Amaral, que funcionaram como centros culturais para a própria elite. Salões em que se reuniam artistas, poetas, intelectuais e políticos. Esses espaços semipúblicos foram bem

aproveitados pelas mulheres escritoras, quer como forma de divulgação de seus escritos quer como meio da socialização intelectual. (DUARTE; PAIVA, 2009, p.14)

A busca da mulher pela inserção social nos mais diversos espaços e na imprensa fez com que, a partir do século XX, elas se tornassem cada vez mais presentes nos ambientes de maior circulação de público. Além dos espaços físicos haviam outras formas de comunicação, isto é, “Além dos livros, há os jornais e as revistas – dos quais as mulheres são leitoras e produtoras” (PERROT, 2013, p.33). Mas se nota que o lugar público poderia ser bastante hostil para a mulher, pois criavam estereótipos sobre elas, que tentavam se inserir nesses espaços. Existiam imagens que as caracterizavam, muitas vezes de forma negativa: uma era a mulher que, por mais que se aventurasse no mundo do público permanecesse seguindo certos padrões sociais que a ela era imposto e a outra imagem seria a da mulher que não seguia os padrões e acabava, de algum modo, chocando a sociedade de sua época, levando-a à receber severas críticas. E sobre isso, escreveram Duarte e Paiva:

Vencido o principal obstáculo à sua inserção no cenário das letras, o acesso à instrução, à educação, driblando os preconceitos herdados por um legado masculino na imprensa, a mulher de letras continuou encontrando dificuldades para que se reconhecessem a sua capacidade e o seu direito de ser escritora.(DUARTE; PAIVA, 2009. p.16)

O caminho de emancipação feminina se torna, assim, cheio de pedras. Afinal, como se desvencilhar de uma construção de séculos, a respeito de quem é a mulher, de como ela deve se comportar, de quem ela deve ser, de como ela deve pensar? É o dito masculino, falocêntrico, tutelando a vida das mulheres. Mas a mulher mesmo com essas dificuldades, aos poucos foi ganhando seu espaço, tomando o controle da sua própria história. Mesmo com dificuldades as mulheres se tornaram autoras de livros e também da sua vida. A mulher, escreve de si para o outro: o leitor.

Diante dessas dificuldades, e o vestibular representando um cânone para a literatura, seria possível a presença da literatura de autoria feminina, nesse cânone do vestibular? E se presente quais as autora indicadas? Qual a proporção entre autoras e autores?

As presenças e as ausências da literatura de autoria feminina : resultados e observações acerca da prova de Literatura da COVEST (1995-2005)

Para a identificação da presença de autoria feminina usou-se, como fonte de pesquisa, as provas de literatura da segunda fase da COVEST³, elaborados para a seleção de estudantes das universidades federais de Pernambuco. O recorte temporal foi os anos de 1995 a 2005. Foram lidas e analisadas onze provas da segunda fase do referido exame. Percebeu-se a predominância da literatura produzida no “eixo handrocêntrico” (MENDES; ALBUQUERQUE, 2018), ao longo da análise foram encontrados 56 autores, mas 52 (92,85%) desses foram homens mencionados nas provas e mulheres citadas foram quatro que representa, apenas, 7,14% da indicação. Esses dados podem ser encontrados no Quadro 1 e no Gráfico 1 abaixo:

Quadro 1- Presença de autores nas provas de literatura da Segunda Fase da COVEST, Segundo o ano, Recife, 2019.

Autores	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005
Pablo Picasso	X										
Fernando Pessoa	X										
Aluísio de Azevedo	X	X	X	X			X		X		
Eça de Queiroz	X										
Claúdio Manuel da Costa	X							X			
Castro Alves	X	X	X	X	X		X		X		
Olavo Bilac	X	X			X	X	X	X	X	X	X
Guimarães Rosa	X	X					X	X	X		
João Cabral de Melo Neto	X	X	X				X	X	X	X	X
Cruz e Souza	X	X						X	X	X	X
Manoel Bandeira	X	X		X	X	X	X		X	X	X
Graciliano Ramos	X	X	X	X		X	X	X	X	X	X
José Lins do Rego	X				X		X	X			X
Érico Veríssimo	X										
Carlos Gomes	X										
Gregório de Matos Guerra	X	X	X		X	X		X		X	
Caetano Veloso		X									

³ Disponíveis no site <http://site.colegiobj.com.br/vestibular/index.php/provas-e-gabaritos>. Data de acesso 11/11/2018.

Álvares de Azevedo		X		X	X				X		
Gonçalves Dias		X	X	X	X	X		X			
Machado de Assis		X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Mário de Andrade		X	X	X	X			X	X	X	
Manuel Antônio de Almeida		X								X	
Oswald de Andrade		X	X		X		X		X		X
Carlos Drummond de Andrade		X	X	X	X	X		X	X	X	
Tomás Antônio Gonzaga		X	X		X	X	X			X	
José Lins do Rego			X		X		X	X			X
Gilberto Gil			X								
Joaquim Cardozo				X		X					
Chico Buarque				X							
Ariano Suassuna				X	X	X	X			X	
José de Alencar			X	X	X	X				X	
Ascenso Ferreira				X	X	X	X		X		
Manuel Rabelo				X							
Xico Sá				X							
Andrade Murici				X							
Alphonsus Guimarães				X	X	X					
Padre Antonio Vieira				X	X			X			X
Vinicius de Moraes					X						
Alcântara Machado						X					
Josias de Souza						X					
Jorge Amado							X	X	X	X	X
Dias Gomes							X	X		X	
Ferreira Gullar							X				
Alfredo Bosi								X			
Euclides da Cunha								X	X	X	
Claúdio Manoel da Costa	X							X			
Afonso Ávila								X			
Gilberto Freyre								X	X		X
Capiba					X			X			
Carlos Heitor Cony									X		
Joaquim Manuel de Macêdo										X	

Juracy Andrade											X
----------------	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	---

Fonte de pesquisa: dados encontrados na prova de literatura da segunda fase COVEST

As mulheres escritoras: felizes as escolhidas para o cânone da prova de literatura da COVEST (1995-2005)

As escritoras encontradas ao longo dos anos foram as seguintes: Clarice Lispector, Cecilia Meireles, Nélida Pinõn e Raquel de Queiroz. A frequência de indicação da leitura variou segundo a linha do tempo visível no gráfico a seguir.

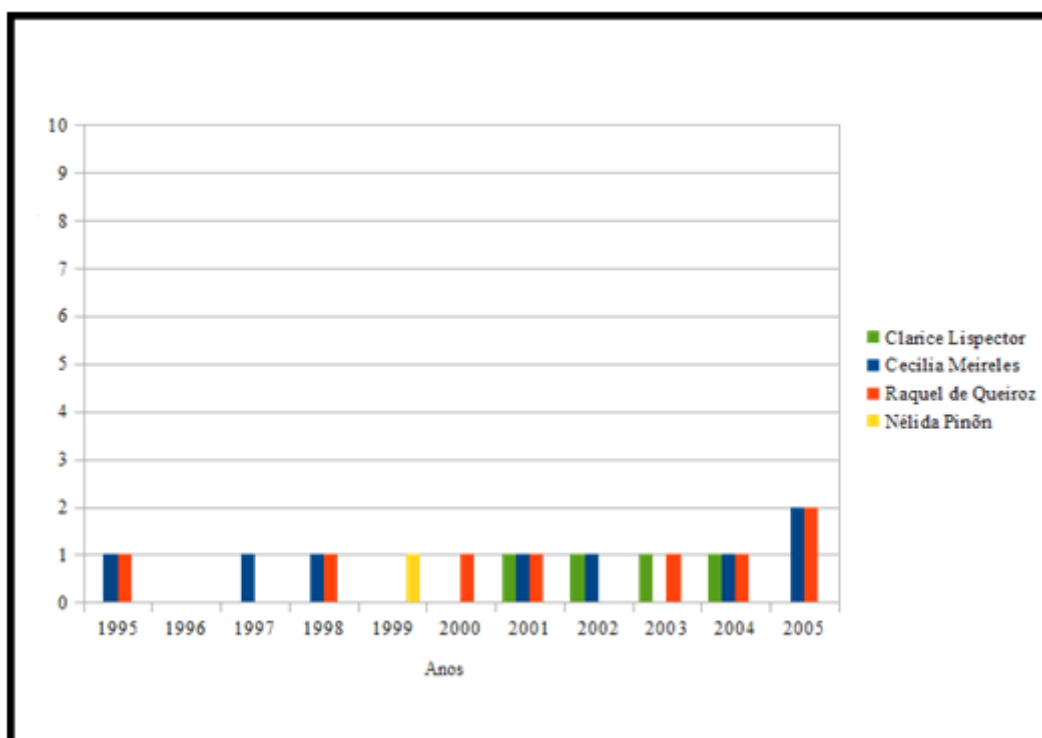


Gráfico 1 – Presença de autora nas provas de literatura da segunda fase da COVEST, segundo o ano de indicação. Recife, 2019.

A partir do gráfico anterior, percebe-se que existe, de fato, uma presença de escritoras mulheres nas provas da COVEST, mas, por mais que elas estejam, há uma quantidade muito pequena, inclusive no ano de 1996 nenhuma foi escolhida. Com essa ausência, real e percebida, pode-se lembrar do que Perrot (2005) apresenta em seu livro *Mulheres e ou os silêncios na história*: “A dificuldade da história das mulheres deve-se inicialmente ao apagamento de seus traços, tanto dos públicos quanto privados.” (PERROT, 2005, p.29). Além disso, podemos pensar sobre o androcentrismo nas provas, pois, como visto no Quadro 1, há uma grande indicação de autores homens.

Ainda sobre o gráfico, pode-se observar que existe uma constância de autoras, sendo elas brasileiras, pois se constata que não há indicação de nenhuma escritora estrangeira. Talvez o resultado dessa observação seja explicado através da teoria de Marisa Lajolo (2004) a importância de ler o romance brasileiro.

Continuando a análise do Gráfico 1, percebeu-se que Cecília Meireles e Raquel de Queiroz estão presentes em sete das 11 provas. Por sua vez, Clarice Lispector foi mencionada em quatro anos diferentes: 2001 a 2004, só após o século XX. O que explicaria esse fato? Quando Benjamin Moser em sua obra, *Clarice, uma biografia*, diz: “Quando morreu, em 1977, Clarice Lispector era uma das figuras míticas do Brasil, a Esfinge do Rio de Janeiro, uma mulher que fascinava os brasileiros” (MOSER, 2009, p.15).

A autora menos indicada foi Nélida Piñon, citada, apenas, no ano de 1999. A considerar ausências como tudo aquilo que não é encontrado na prova mas, além disso, a falta de informação pode-se considerar Nélida Piñon uma ausente, pois ela é mencionada em uma questão da prova de Literatura, mas ela de fato não foi trabalhada, existe apenas uma citação onde Piñon faz referência a Machado de Assis e toda a pergunta não se trata da escritora, mas sim de um outro autor. A ausência de Nélida Piñon está relacionada ao cânone literário? Como visto no trabalho de doutorado de Fidelis (2008), existe o cânone no vestibular. Mas, seria possível encontrar o cânone do cânone? Talvez sim pois, aqui temos autoras que foram mais indicadas para leitura do que outras.

Continuando com a tópica cânone, há sim a possibilidade de haver um cânone. Mas na linguagem literária existe uma dificuldade a respeito da definição do que seria o cânone literário e de quem deveria ser ou não tido como uma referência, inclusive este é um ponto delicado e questionável. José Sérgio Custódio cita Marcia Abreu em seu texto *PARA QUE SERVE O CÂNONE LITERÁRIO? ASPECTOS E CONFRONTOS DO DISCURSO TEÓRICO CONTEMPORÂNEO* (maiusculo, no original), levanta perguntas sobre os motivos que levam um texto a ser considerado canônico

Por trás da definição de literatura está um ato de seleção e exclusão, cujo objetivo é separar alguns textos, escritos por alguns autores do conjunto dos textos em circulação. Os critérios de seleção segundo boa parte dos críticos é a literariedade imanente aos textos, ou seja, afirma-se que os elementos que fazem de um texto qualquer uma obra

literária são internos a ele e dele inseparáveis, não tendo qualquer relação com questões externas à obra escrita, tais como o prestígio do autor ou da editora que o publicou, por exemplo. Entretanto, na maior parte das vezes, não são critérios linguísticos, textuais ou estéticos que norteiam essa seleção de escritos e autores. [...] Entra em cena a difícil questão do valor, que tem pouco a ver com os textos e muito a ver com posições políticas e sociais (ABREU, in CUSTÓDIO, 2010, p.5).

A respeito do cânone ser relacionado a uma possível influência política e social, se tem esse reflexo na prova principalmente ao se comparar a escolha de autores e autoras dentro da prova. Um fato que é notável é que assim como as mulheres mencionadas, os homens trabalhados ao longo das provas são nomes que estavam nos diversos ambientes consagrados da sociedade. E isso se refere inclusive a duas das autoras estarem presentes no espaço mais célebre da literatura brasileira, que no caso, é a Academia Brasileira de Letras.

O espaço geográfico também pode ser visto como um indicador do cânone. Muzart em seu artigo *A Questão do Cânone*, inclusive cita

Poderíamos abordar a questão do cânone hoje, em relação ao poder das Universidades, o poder dos grupos e, sobretudo, o poder do eixo Rio/São Paulo/Minas, pois, só é canonizado o escritor que, vivendo nessas regiões, pode freqüentar determinados círculos de influência, professores dos cursos de pós-graduação, críticos literários, redatores de jornais, por exemplo, resenhistas como os dos grandes jornais *Folha de São Paulo*, *Jornal do Brasil*, para citar só os maiores. (MUZART, 1995, p.85)

A fim e ao cabo percebeu-se que “O estudo do cânone está ligado, pois, a várias coisas, principalmente à dominante da época: dominantes ideológicas, estilo de época, gênero dominante, geografia, sexo, raça, classe social e outros.” (MUZART, 1995, p.86).

Considerações Finais

A participação da mulher, no mundo das letras, foi se modificando progressivamente. Foi possível perceber isso no tópico a respeito da mulher e a mulher na escrita literária. O processo de ascensão delas e sua maior participação na sociedade possibilitou-lhes alcançar certos espaços na sociedade. O reflexo disso é a indicação nas provas analisadas, mas, mesmo com a menção a algumas autoras se pode perceber que a prova da COVEST, do final do século XX e início do século XXI, ainda se mantém

patriarcal. A indicação se faz presente mas, em um número muito reduzido, menos de 10%, e esse fato é preocupante.

A prova do vestibular se torna, assim, o espelho de uma sociedade que está em modificação, mas que ainda é resistente às mudanças. E se pode observar que a prova também é um lugar de disputa política e ideológica como foi visto anteriormente. O vestibular se trata de um modelo de prova para a entrada nas universidades que vêm ao longo da história do país sofrendo diversas modificações e reformas, reflexo de demandas da sociedade e do sistema político vigente. A educação, assim como o ensino das ciências humanas e literatura sofrem diretamente com os posicionamentos dos governantes do país, um exemplo disso foi o desmonte dessas áreas que ocorreu no período de 1964 a 1985.

O que se tem como confirmar é que apesar de haver uma presença muito reduzida de mulheres na prova da COVEST, com as autoras Cecília Meireles, Nelida Piñon, Raquel de Queiroz e Clarice Lispector, elas se encontram em um lugar que pode ser considerado, elite intelectual. Isso é possível pois ao comporem a prova do vestibular elas se tornam canônicas. O processo de canonização dessas autoras poderia até ser considerado uma quebra de paradigma pois por mais que o cânone seja mutável, ele, ainda no final do século XX e início XXI era bastante patriarcal. Isto se concretiza-se pela relação comparativa entre as provas onde de um total de 56 autores indicados, 52 são autores masculinos brasileiros e **apenas quatro mulheres escritoras brasileiras foram indicadas**. Por que a ausência de escritoras estrangeiras?

Referências

COELHO, Nelly Novaes. Cecília Meireles: vida e obra. 2001. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/cesp/article/viewFile/7870/6830> Acesso em: 15/01/2019.

CUSTÓDIO, José Sérgio. PARA QUE SERVE O CÂNONE LITERÁRIO? ASPECTOS E CONFRONTOS DO DISCURSO TEÓRICO CONTEMPORÂNEO. 2010. Unesp. Disponível: http://sgcd.assis.unesp.br/Home/PosGraduacao/Letras/SEL/anais_2010/josesergio.pdf Acesso: 15/01/2019.

CHAUÍ, Marilena. Escritos sobre a universidade, São Paulo, UNESP, 2001.

DALVI; SCHWARTZ; TRAGINO. A literatura no vestibular: traços de seu histórico e olhares recentes. VIA ATLÂNTICA, SÃO PAULO, N. 28, 215-230, 2015.

DUARTE, Constância Lima; PAIVA, Kelen Benfenatti. A mulher de letras: nos rastros de uma história. Ipotesi, Juiz de Fora, v. 13, n. 2, 2009, p. 11 – 19.

FÁVERO, Maria de Lourdes de Albuquerque. A Universidade no Brasil: das origens à Reforma Universitária de 1968. Educar, Curitiba, n. 28, p. 17-36, 2006. Editora. UFPR.

FIDELIS, Ana Cláudia e Silva. DO CÂNONE LITERÁRIO ÀS PROVAS DE VESTIBULAR: CANONIZAÇÃO E ESCOLARIZAÇÃO DA LITERATURA. Campinas. Tese (Doutorado). Universidade Estadual de Campinas. 2008.

LAJOLO, Marisa. Como e por que ler o romance brasileiro. Rio de Janeiro. Objetiva. 2004.

MARTINI, Marcus de. AINDA HÁ LUGAR PARA OS CLÁSSICOS NA ESCOLA? – O CÂNONE E OS DOCUMENTOS OFICIAIS SOBRE O ENSINO DE LITERATURA. Teoria da Literatura e Ensino de Literatura. BELO HORIZONTE v. 22 n. 3 set.-dez. 2016. p. 183-202

MELO, Alexandre Vieira da Silva. REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO: MELINDROSAS E ALMOFADINHAS NAS REVISTAS DO RECIFE DOS ANOS 1920. In: XV Encontro Regional de História da ANPUH-RIO, 2012. Anais... Universidade Estadual do Rio de Janeiro, p. 1-11. Disponível em: http://www.encontro2012.rj.anpuh.org/resources/anais/15/1338420541_ARQUIVO_RepresentacoesdeGenero-AlexandreMelo-AnpuhRio.pdf Acesso em 22/01/2019.

MENDES, Algemira de Macêdo; ALBUQUERQUE, Marleide Lins de. A Mulher na literatura latino-americana. Terenisa: EDUFPI/Avant Garde, 2018.

MENEZES, Juliana Alves Barbosa. Ensino de Literatura e o Vestibular: Que leitor espera a Universidade Estadual de Maringá e o que recebe? Maringá. Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual de Maringá. 2008a.

MENEZES, Juliana Alves Barbosa. Avaliação de Literatura no Vestibular. In: XI Congresso Internacional da ABRALIC: Tessituras, Interações, Convergências. 2008b. USP, São Paulo.

MORENO, Jean Carlos. Revisitando o conceito de identidade nacional. Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014, p. 7-29.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. Na história do ensino da literatura no Brasil: problemas e possibilidades para o século XXI. Educar em Revista, n. 52, 2014, p. 23-43.

MOSER, Bejamin. Clarice, uma biografia. Tradução José Geraldo Couto. 1ª ed. São Paulo. Companhia das Letras. 2017.

MUZART, Zahidé Lupinacci. A questão do cânone. Anuário de Literatura 3, 1995, p. 85-94

NASCIMENTO, Alcileide Cabral. O bonde do desejo: o Movimento Feminista no Recife e o debate ecife e o debate em torno do sexismo (1927-1931). Estudos Feministas, Florianópolis, v. 21, n.1, 2013, p. 41-57.

NETTO, Adolpho Ribeiro. O Vestibular ao longo do tempo: Implicações e Implicâncias. Brasília. 1985. Disponível em: <http://www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/es/artigos/116.pdf> Acesso em: 11/11/2018

OLIVEIRA, Leni Nobre de. CÂNONE E VESTIBULAR: EXCLUSÃO, ELEIÇÃO E RECORRÊNCIA NO VESTIBULAR DA UFMG. Belo Horizonte, v. 6, p. 111-119, ago. 2003

PERROT, Michelle. As mulheres ou os silêncios da história. EDUSC. Bauru, SP. 2005.

PERROT, Michelle. Minha história das mulheres. 2.ed. São Paulo: Contexto.2013.

SILVA, Mozeiner Maciel do Nascimento. Teorias Linguísticas e concepções da língua em provas de vestibular da COVEST/COPSET. Recife. Dissertação (Mestrado). Univerisdade Federal de Pernambuco. 2005.

SOUZA, José Geraldo de. EVOLUÇÃO HISTÓRICA DA UNIVERSIDADE BRASILEIRA: ABORDAGENS PRELIMINARES. REVISTA DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO, PUCCAMP, Campinas, V. 1, n.1, p. 42.58, Agosto/1996

TOSCANO, Geovânia da Silva. O ACESSO AO ENSINO SUPERIOR NO BRASIL: o movimento “pendular”. 2015. UFPB. Disponível em: <http://www.coipesu.com.br/upload/trabalhos/2015/6/o-acesso-ao-ensino-superior-no-brasil-o-movimento-pendular.pdf> Acesso em: 20/12/2018

REGRAS DA REVISTA – DIRETRIZES PARA AUTORES:

A revista *História Unicap* está permanentemente aberta às submissões.

São aceitos para a publicação somente trabalhos originais inéditos, e que não esteja sendo avaliado para publicação em outra revista.

Os artigos e textos podem ser redigidos em português, inglês ou espanhol.

A revista *História Unicap* aceita artigos de História e disciplinas afins, informes parciais de pesquisa em desenvolvimento, documentos e entrevistas inéditos, resenhas críticas, comunicações de dissertações e teses e notas relativas a eventos.

São aceitos artigos de:

- pós-graduados (mestres, doutores e pós-doutores) e pós-graduandos (mestrado e doutorado).
- graduandos, graduados (inclusive com especialização) apenas em co-autoria com seus orientadores-pesquisadores doutores.

Os artigos devem ser enviados eletronicamente, seguindo as etapas do sistema que tem por objetivo dar assistência à edição dos periódicos científicos em cada etapa do processo de editoração.

A publicação dos artigos está sujeita à aprovação prévia da Comissão Editorial da revista, após isso serão submetidos à avaliação do tipo *peer review* feita por, pelo menos, dois pareceristas externos.

A aceitação final dos artigos depende dos seguintes critérios:

- Recomendação dos pareceristas;
- Efetivação dos ajustes necessários pelo(s) autor(es);
- E aprovação da Comissão Editorial, cuja resolução contemplará seis diferentes avaliações:
 1. Aceitar;
 2. Correções obrigatórias;
 3. Submeter novamente para avaliação;
 4. Enviar para outra revista;
 5. Rejeitar;
 6. Ver comentários;

Importante:

[*] A *História Unicap* não se responsabiliza por conceitos e opiniões emitidos pelos autores.

[*] O envio espontâneo de qualquer submissão implica automaticamente a cessão integral dos direitos autorais à Universidade Católica de Pernambuco.

Recomendações:

[*] *Extensão*: o texto deverá ter extensão máxima de 20 a 22 páginas, com espaçamento de 1,5, incluídas referências bibliográficas e notas. O título (no idioma original e em Inglês) devem conter no máximo 240 caracteres incluindo espaços.

[*] *Imagens*: se o artigo contiver imagens fotográficas e/ou desenhos gráficos, esses deverão ser encaminhados em formato original (.jpeg, .png, .tiff) e em arquivos separados (não inseridos no interior do próprio texto), com resolução mínima de 300 dpi. No arquivo referente ao texto, deverá ser indicado através da inserção das legendas (no idioma do artigo e também em inglês, o local aproximado onde devem ser inseridas as figuras, gráficos, tabelas e/ou quadros.

[*] *Citações*: as citações no interior do texto devem obedecer às seguintes normas:

a. Um autor: (CABRAL, 2014, p. 11-14);

b. Dois autores: (TOCQUEVILLE; BEAUMONT, 2005)

c. Três ou mais autores: (MAIA *et al.* 2009)

d. Trabalhos com o(s) mesmo(s) autor(es) e mesma data devem ser distinguidos por letras minúsculas logo após a data. Ex: (MOREIRA, 2009a) (MOREIRA, 2009b);

Apresentação das citações:

1. Citações com menos de três linhas deverão ser incorporadas ao texto entre aspas;

2. Citações com mais de três linhas deverão ser apresentadas em parágrafo isolado, com espaçamento simples entre as linhas, corpo de 11 pt e recuo de 4 cm da margem esquerda do texto.

Notas de rodapé:

As notas de rodapé devem ser usadas de forma parcimoniosa. Somente são permitidas notas de rodapé explicativas e não são permitidas notas que contenham apenas referências. Estas deverão estar listadas, ao final do texto, no item "Referências".

Não utilize as expressões *op. cit*; *ibid*; *ibidem*; *id*; *idem*

Não utilize a expressão *apud*, dê preferência pelo emprego da expressão *in*;

A matéria dos originais deverá conter, na seguinte ordem:

I. *Título do texto*: Título no idioma do artigo e em inglês. Se o artigo for redigido em Inglês deve apresentar também o título em Português. Com no máximo 240 caracteres com espaço;

II. *Resumos*: no idioma do artigo e em inglês, em um único parágrafo, com até 20 linhas, acompanhado de três palavras-chave. Nos casos em que o artigo é escrito em inglês ou espanhol, solicita-se também a apresentação de resumo e palavras-chave em português.

III. *Texto completo do artigo*: formatado em Times New Roman, 12 pt, espaçamento 1,5, em formato de arquivo *Word for Windows*.

IV. *Referências*: as referências bibliográficas e de outra natureza devem ser listadas ao final do texto, em ordem alfabética, em 12 pt, espaçamento simples, como nos modelos abaixo:

Artigos em periódico:

Ex: FLECK, Eliane Cristina Deckmann. José de Anchieta: um Missionário entre a História e a Glória dos Altares. *Projeto História*, v. 41, 2010, p. 155-194.

Artigos relativos a eventos:

CABRAL, Flavio José Gomes. Revolução pernambucana de 1817: ideias e projetos de estado no norte da América portuguesa. In: I Congresso Internacional Nuevos Horizontes de Iberoamérica, Mendoza, 2013. *Anais...* Mendoza: Guaymallén/Universidad Nacional de Cuyo, p. 1-10.

Livros:

LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. *História: Novos problemas*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora S. A., 1976.

Capítulos de livro:

MOREIRA, Paulo Roberto Staudt. Recordações da Casa dos Mortos: Projetos e Sociabilidades Prisionais (a Casa de Correção de Porto Alegre no século XIX). In: GAYOL, Sandra; PESAVENTO, Sandra. (Org.). *Sociabilidades, justiça e violências: práticas e representações culturais no Cone Sul (séculos XIX e XX)*. Porto Alegre: Editora da UFRGS/Universidade Nacional de General Sarmiento, 2008, p. 57-88.

Teses e dissertações:

CABRAL, Flavio José Gomes. *Conversas reservadas: vozes públicas, conflitos políticos e rebeliões em Pernambuco no tempo da independência do Brasil*. Recife, Tese (Doutorado), Universidade Federal de Pernambuco, 2008.

CESAR, Tiago da Silva. *A ilusão panóptica: encarcerar e punir nas imperiais cadeias da província de São Pedro (1850-1888)*. São Leopoldo, Dissertação (Mestrado), Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2014.

Citações de Sites e textos eletrônicos:

SOBRENOME, Nome(s). Título do texto. Ano de publicação. Disponível em: <http://...>, Acesso em: dd/mm/aaaa.

Jornais e revistas, órgãos e instituições:

CARVALHO, José Murilo de. A memória nacional em luta contra a história. Folha de São Paulo. Caderno Mais! São Paulo, 12 nov. 2000.

CONDIÇÕES PARA SUBMISSÃO

Como parte do processo de submissão, os autores são obrigados a verificar a conformidade da submissão em relação a todos os itens listados a seguir. As submissões que não estiverem de acordo com as normas serão devolvidas aos autores.

1. A contribuição é original e inédita, e não está sendo avaliada para publicação por outra revista.
2. Os arquivos para submissão estarão em formato Microsoft Word ou RTF.
3. - Título no idioma do artigo e em inglês. Se o artigo for redigido em Inglês deve apresentar também o título em Português;
 - Resumo em até 20 linhas acompanhado de pelo menos três palavras-chave;
 - Abstract em Inglês, acompanhado de pelo menos três key words. Se o artigo for redigido em Inglês deve apresentar também o resumo em Português acompanhado de três palavras-chave;
 - Texto completo do artigo, escrito em Times New Roman, 12 pt, com espaçamento de 1,5;
 - Figuras, tabelas, quadros e gráficos devem incluir legenda no idioma do artigo e em Inglês. As tabelas e ilustrações devem ser enviadas em seus arquivos originais (.jpeg, .png, .tiff) e em arquivos separados (não inseridos no interior do próprio texto), com resolução mínima de 300 dpi.
4. A identificação de autoria do trabalho foi removida do arquivo, garantindo desta forma o critério de sigilo da revista, caso submetido para avaliação por pares (ex.: artigos), conforme instruções disponíveis em Assegurando a Avaliação Cega por Pares.
5. As citações de mais de 3 linhas devem ser digitadas em parágrafo isolado, com espaçamento simples entre as linhas, corpo de 11 pt e recuo de 4 cm da margem esquerda do texto;
6. Inserir as notas do texto em fonte (tipo) Times New Roman (não usar sublinhado e usar itálico só para grafia de palavras estrangeiras), em corpo 9 pt, com espaçamento simples entre as linhas. As notas devem ser colocadas no pé de página, em modo de impressão (devem ficar visíveis na página).

As notas devem ser utilizadas como elemento explicativo e não para dar lugar às referências, que deverão estar apenas no item referências, ao final do texto.

7. O texto segue os padrões de estilo e requisitos bibliográficos descritos em Diretrizes para Autores, na seção Sobre a Revista.
8. Referências

São consideradas referências somente as obras mencionadas no interior do texto.

As referências devem ser digitadas em fonte Times New Roman, em corpo 12 pt, com espaçamento simples entre as linhas e organizadas em ordem alfabética.

As referências, no fim do trabalho, devem ter os dados completos e seguir as normas para trabalhos científicos que estão publicadas no site da revista. cada referência deve ocupar um parágrafo e deve estar separada por um espaço simples.

Exemplos:

Artigos em periódico

Ex: FLECK, Eliane Cristina Deckmann. José de Anchieta: um Missionário entre a História e a Glória dos Altares. *Projeto História*, v. 41, 2010, p. 155-194.

Artigos relativos a eventos

CABRAL, Flavio José Gomes. Revolução pernambucana de 1817: ideias e projetos de estado no norte da América portuguesa. In: I Congreso Internacional Nuevos Horizontes de Iberoamérica, Mendoza, 2013. *Anais...*Mendoza: Guaymallén/Universidad Nacional de Cuyo, p. 1-10.

Livros

LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. *História: Novos problemas*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora S. A., 1976.

Capítulos de livro

MOREIRA, Paulo Roberto Staudt. Recordações da Casa dos Mortos: Projetos e Sociabilidades Prisionais (a Casa de Correção de Porto Alegre no século XIX). In: GAYOL, Sandra; PESAVENTO, Sandra. (Org.). *Sociabilidades, justiça e violências: práticas e representações culturais no Cone Sul (séculos XIX e XX)*. Porto Alegre: Editora da UFRGS/Universidade Nacional de General Sarmiento, 2008, p. 57-88.

Teses e dissertações

CABRAL, Flavio José Gomes. *Conversas reservadas: vozes públicas, conflitos políticos e rebeliões em Pernambuco no tempo da independência do Brasil*. Recife, Tese (Doutorado), Universidade Federal de Pernambuco, 2008.

CESAR, Tiago da Silva. *A ilusão panóptica: encarcerar e punir nas imperiais cadeias da província de São Pedro (1850-1888)*. São Leopoldo, Dissertação (Mestrado), Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2014.

Citações de Sites e textos eletrônicos

SOBRENOME, Nome(s). Título do texto. Ano de publicação. Disponível em: <http://...>, Acesso em: dd/mm/aaaa.

Jornais e revistas, órgãos e instituições

CARVALHO, José Murilo de. A memória nacional em luta contra a história. Folha de São Paulo. Caderno Mais! São Paulo, 12 nov. 2000.

9. Informes de pesquisa

Os informes de pesquisa deverão resultar de uma investigação baseada em dados empíricos e com metodologia específica. Os informes parciais deverão obedecer à mesma formatação exigida para a publicação de artigos e concentrar-se entre 6.000 a 10.000 caracteres com espaço. Já os informes finais, atendidas as especificações para "artigos", deverão se limitar entre 15.000 a 20.000 caracteres com espaço.

Em ambos os casos, a Comissão Editorial dará preferência para as contribuições relacionadas à proposta temática do Dossiê.

10. Entrevistas

A revista poderá publicar entrevistas realizadas com professores e/ou pesquisadores, teóricos e indivíduos que possam contribuir para discussões sobre temáticas relacionadas à área de seu enfoque temático, com preferência para o tema proposto pelo Dossiê. As contribuições deverão conter na seguinte ordem: 1. título da entrevista (português ou espanhol) e em inglês; 2. data e local da entrevista; 3. identificação do entrevistado, com breve referência de informações biográficas e trajetória profissional; 4. identificação do(s) auto(es), com respectiva (titulação e instituição). O texto deverá concentrar-se entre 30.000 e 60.000 caracteres com espaço, assim como obedecer às especificações gerais de formatação observadas para a publicação de artigos.

11. Documentos

A seção destina-se a publicar transcrições comentadas de fontes documentais com significativa relevância para a temática abordada pelo dossiê. No caso de documentos na íntegra, as contribuições deverão observar os critérios e normativas da diplomática. Em ambos os casos, deverão conter uma apresentação geral da fonte, sua contextualização, possibilidades de uso e de enfoque, sua localização (país, cidade, instituição e fundo arquivístico), estado de conservação e deverão ser acompanhados de 3 a 5 palavras-chave (português ou espanhol) e inglês. Os documentos poderão ser apresentados em (português ou espanhol).

12. Resenhas

As resenhas destinam-se à descrição, ao exame e ao julgamento de obra recente (não mais que 2 anos depois do lançamento da última edição) relacionada à área temática da revista. Deverão ser elaboradas de modo impessoal, contendo posicionamento de ordem técnica diante do objeto de análise, seguido de um

resumo do conteúdo e possível demonstração de sua importância. Essas contribuições deverão obedecer às mesmas especificações/orientações para os artigos e situar-se entre 6.000 a 10.000 caracteres com espaço. Os textos deverão conter a referência bibliográfica no início e, em folha precedida ao texto; se for o caso, título no idioma original da resenha (português ou espanhol) e em inglês, nome e dados profissionais (instituição e titulação), bem como endereço eletrônico (e-mail).

DECLARAÇÃO DE DIREITO AUTORAL

Concedo a Revista *História Unicap* o direito de primeira publicação da versão revisada do meu artigo, licenciado sob a Licença Creative Commons Attribution (que permite o compartilhamento do trabalho com reconhecimento da autoria e publicação inicial nesta revista).

Afirmo ainda que meu artigo não está sendo submetido a outra publicação e não foi publicado na íntegra em outro periódico e assumo total responsabilidade por sua originalidade, podendo incidir sobre mim eventuais encargos decorrentes de reivindicação, por parte de terceiros, em relação à autoria do mesmo.

Também aceito submeter o trabalho às normas de publicação da Revista *História Unicap* acima explicitadas.

POLÍTICA DE PRIVACIDADE

Os nomes e endereços informados nesta revista serão usados exclusivamente para os serviços prestados por esta publicação, não sendo disponibilizados para outras finalidades ou a terceiros.